

SAUSSURE E A VOZ

Maurício Eugênio Maliska¹

mmaliska@yahoo.com.br

RESUMO: De tempos em tempos acompanhamos novas (re)descobertas de Saussure, um autor que não é uma estátua num museu, mas um pensamento vivo e dinâmico que insiste em retornar e se fazer atual. O presente texto tenta discutir a relação de Saussure com a voz. Parte da própria forma oral com que os Cursos, em Genebra, foram ministrados no período de 1907 a 1911. Havia, nesse momento, uma aposta de Saussure na voz e nos seus efeitos como possibilidade de transmissão de um saber. No seu ensino, Saussure não considera o elemento vocal na sua pura sonoridade e na sua condição de corpo; mas promove uma metafísica da voz e da escuta, de modo a proporcionar uma noção que transcende ao som e ao corpo. A voz, como elemento de análise no texto saussuriano, é calada para que possa emergir um derivado desta, ou seja, uma metafísica da voz que possibilita a articulação do elemento vocal com o objeto da ciência lingüística. É a supressão do elemento vocal, enquanto som e corpo, que permite a emergência dessa metafísica da voz, o que possibilita a estruturação dos conceitos saussurianos de imagem acústica, signo vocal e entidade vocal, que desembocam, mais tarde, na noção de significante.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; voz; metafísica.

1. SAUSSURE E O INSISTENTE RETORNO

Há mais de cem anos iniciava-se o primeiro de uma seqüência de três cursos sobre Lingüística Geral oferecidos pela Universidade de Genebra e ministrados pelo eminente lingüista Ferdinand de Saussure. O primeiro deles ocorreu no período de 16 de janeiro a 03 de julho de 1907; o segundo, de novembro de 1908 a 24 de junho de 1909 e o terceiro, de 29 de outubro de 1910 a 04 de julho de 1911. Esses cursos foram interrompidos em função da doença que culminou na morte precoce de Saussure, em fevereiro de 1913, quando estava com a idade de 55 anos.

Ferdinand de Saussure é oriundo de uma família de intelectuais, dentre os quais destacamos o avô, Horace Benedict de Saussure, conhecido como o primeiro homem a liderar uma expedição científica no *Le Mont Blanc*, cujos registros encontram-se na

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Biblioteca Pública da Universidade de Genebra, onde também foi reitor. Uma rápida visita a Genebra já é suficiente para perceber a importância da família de Saussure; entre os nomes de rua e placas comemorativas, também se encontra a criação do Museu de História das Ciências, a partir da iniciativa de Raymond de Saussure — filho de Ferdinand, psicanalista, autor de um livro prefaciado por Sigmund Freud e também analisante deste. A importância da família de Saussure pode ser mensurada no fato do avô de Saussure — Horace Benedict — ter sido ilustrado, há alguns anos, na nota de vinte francos suíços. Enfim, percebemos que a família de Saussure deixou suas marcas em Genebra e no mundo, sendo conhecida principalmente no campo acadêmico.

O jovem talentoso, que desde muito cedo demonstrou habilidades no uso da língua, assim como conhecimentos em sânscrito, latim e grego, tem seu trabalho fortemente paralisado em função da doença que o levou a morte. Mal sabia ele que seu nome ainda iria ecoar durante décadas, quiçá séculos, no meio acadêmico e intelectual da Linguística e das ciências humanas. Saussure estava deixando a vida para ser imortalizado através, fundamentalmente, da publicação, em livro, de seus cursos. A primeira edição do Curso de Linguística Geral (CLG) data de 1916; trata-se de uma homenagem de Albert Sechehaye e Charles Bally — que efetivamente não foram seus alunos — ao mestre, publicando uma edição do Curso a partir dos alfarrábios do próprio Saussure e das anotações de seus alunos². Livro extremamente importante no cenário da Linguística Moderna por justamente fundar seus pilares, mas ao mesmo tempo, extremamente criticado, dentre outras coisas, por não corresponder com o verdadeiro movimento do pensamento saussuriano e apresentar

[...] uma lógica de um sistema acabado — uma lógica, imposta aos textos originais, que comanda o plano do livro assim como algumas de suas proposições e articulações — enquanto que, nas notas dos alunos e nos manuscritos, esse sistema, a bem dizer, não existe: esses textos testemunham, ao contrário, um pensamento formado por pinceladas separadas, que chega, em seus desenvolvimentos mais precisos, a assumir a forma de aforismos. Em segundo lugar, a razão que ordena esse sistema acabado do Curso é a de um discurso homogêneo: o discurso de uma pura epistemologia programática da ciência da linguagem (BOUQUET, 2000, p. 15).

De uma forma ou de outra, Saussure tem seu nome inscrito na Linguística Moderna e no cenário acadêmico através de um escrito que não saiu de sua pena; um escrito fundador que o coloca na posição de pai para a Linguística, mas que

² Notadamente, a colaboração de Albert Riedlinger, ex-aluno do Curso.

efetivamente não leva sua assinatura. Um livro que apesar das inúmeras críticas, tal como a que acaba de ser citada, foi responsável por transformar Saussure num ícone da modernidade acadêmica, ao mesmo tempo em que cria no seu entorno um mito para os estudos da linguagem. Essas considerações parecem ser importantes para pensarmos a abrangência e dimensionalidade do pensamento saussuriano.

De todo modo, resta-nos algumas perguntas que se situam para além do passado glorioso dessa família: O que faz com que Saussure continue vivo após quase cem anos de sua morte? O que faz com que ele ainda hoje seja objeto de interesse após cem anos do início de seus cursos em Genebra? Estaria tudo isso ancorado nesse seu passado familiar repleto de glórias? Tudo leva a crer que não, pois este passado parece ter uma importância local entre os genebrinos e não tem o alcance mundial das suas idéias. Ou ainda, poderíamos nos perguntar: O que faz com que nessa primeira década do Século XXI nós ainda tenhamos interesses teóricos em (re)descobrir Saussure, mesmo depois de uma série de teorias que o consideram ultrapassado e em desuso?

É com esses questionamentos que recebemos o agradável convite da Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL – para participar deste número especial dedicado a Saussure. Muito nos alegra sentir que Saussure não é uma estátua num museu, mas, fundamentalmente, um movimento vivo e pulsante em todos nós. Uma cadeia que nos enlaça e nos faz trabalhar cada vez mais; um saber que nos faz explorar e investigar o seu ensino ponto por ponto. Mas qual é esse ensino? No que reside o seu poder?

Longe de tentar responder a esses questionamentos, preferimos nos ocupar de agravar a situação, pensando no que é fundamental para que Saussure permaneça vivo e atuante. Para muitos conhecedores de Saussure, as explicações para essas questões estariam presentes naquilo que ficou conhecido como o Saussure diurno e o noturno. O diurno é esse já clássico do CLG, esse que estava preocupado em lançar as bases teóricas e acadêmicas da Lingüística. Este que estava mergulhado de um espírito científico e imbuído de uma epistemologia lógica e fundadora. E o outro Saussure, seria o noturno, aquele que passava madrugadas estudando os anagramas, decifrando as lendas celtas, a história da mitologia, embriagado de poemas, letras, glossolalias e símbolos que escapavam a uma noção positivista de língua. A divisão em dois Saussure nada mais expressa que essa não unicidade de Saussure, ela esboça um autor cindido, fragmentado, paradoxal, que mostra, nos seus cursos, a fragmentação e a não diretividade da própria língua. Saussure apresenta o paradoxo da língua, seus

movimentos de avanço e recuo, seus movimentos de idas e vindas, mostrando que a ciência da linguagem não é programática. Saussure se mostrou, em todas as suas manifestações, cindido por esta dupla referência. No clássico e condenado CLG, podemos observar claramente essas duas posições, pois a edição canônica estabelecida por Bally e Sechehaye traz um Saussure imerso em conflitos, com um texto cheio de arestas pontiagudas. Apesar das críticas de Bouquet (2000) que apontam que os discípulos tentaram fazer um texto arredondado e não condizente com o pensamento saussuriano, concordamos que, ao mesmo tempo, esta tentativa foi, em parte, bem sucedida e, em parte, demonstrou exatamente o seu contrário. O tiro saiu pela culatra, pois a tentativa de torná-lo programático desemboca em um texto que demonstra esse mesmo Saussure noturno, que sai em busca de elementos excêntricos e arredios ao seu próprio texto. Desse modo, argumentamos que não são dois Saussure, mas uma heterogeneidade presente neste mestre que fez escola e sacode os porões da Linguística ao mesmo tempo em que os sedimenta. A atual edição, estabelecida por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002), *Écrits de Linguistique Générale*, possui uma maior proximidade com as idéias do mestre genebrino, no entanto, não resolve a dicotomia saussuriana, ao contrário, parece colocá-la ainda mais em evidência.

2. O ENSINO ORAL E AS APOSTAS NA VOZ

O alcance do ensino saussuriano nos parece algo realmente surpreendente. Um ensino que não estava pautado por uma escrita, mas por uma forma oral. O ensino de Saussure se dá quase que exclusivamente pela voz. São poucos os artigos que foram publicados sob a sua pena. O próprio Saussure (1976, *apud* BOUQUET, 2000, p. 63), numa carta endereçada a Louis Havet, em 1910, por conta de sua eleição como membro correspondente do *Institute de France*, confessa: “É verdadeiramente assustador sentir atrás de mim meus trinta anos de silêncio, face à alta distinção que parece querer recompensar meu trabalho científico”. Seria realmente um silêncio ou uma voz que há cem anos ecoa no interior das ciências humanas? Essa voz é de um poder avassalador sobre a atualidade, pois se faz muito atual. A voz de Saussure não ficou restrita aos muros da Universidade de Genebra, mas parece ter rompido o tempo e o espaço e permanece viva e atuante. Se o silêncio mencionado na carta refere-se ao pouco material escrito por Saussure, podemos conjecturar que o eco de sua voz demonstra o contrário,

que não há nenhum silêncio, que sua voz produz efeitos, atravessando o tempo e o espaço, indo além do escrito.

Deste modo, tem algo aí de surpreendente, na medida em que a voz como corpo ganha forte propagação. A voz em Saussure parece vencer as barreiras e tocar no que há de mais real, a sua aposta enquanto presença e corpo nos cursos que se desenvolveram em Genebra. Há aí uma constatação interessante, pois Saussure pauta todo seu ensino na forma oral e justamente trabalha com certa prioridade para a fala, logo esta que também é um produto da voz, logo esta que está na realização material e fonética da língua. O interessante de se notar é que a fala ocupa um lugar central no ensino de Saussure e a voz dá suporte a esta fala que parece não se calar. A voz tem instigado os lingüistas a tentar recuperá-la, ainda que isso não seja possível. No entanto, encontramos movimentos, quase incessantes, de retorno aos manuscritos, às anotações, aos alfarrábios, uma tentativa de fazer os manuscritos falarem, reconstituindo, ainda que miticamente, a voz de Saussure, a voz que sustentava seus cursos. Recuperar os manuscritos é dar novamente, e a cada vez, voz a Saussure, num agradável, incessante e insistente retorno.

3. A VOZ NA LINGÜÍSTICA

Para a Lingüística, a voz é um importante elemento, pois ela está na base da linguagem, na medida em que a fala prepondera nas manifestações de linguagem. Sendo a fala materializada na voz, podemos dizer que a voz também está no cerne das questões relativas à linguagem. A Lingüística basicamente formou seu campo de estudo a partir do interesse em estudar os sons da fala, e isso antecede o próprio surgimento da Lingüística Moderna. Naquela época, a gramática comparativa já se dedicava ao estudo das comparações entre os fonemas de uma língua e outra, ou mesmo entre as articulações sonoras no interior de uma mesma língua.

A voz, de algum modo, ocupa um lugar importante no desenvolvimento histórico da Lingüística enquanto ciência, assim como na materialização da língua. No entanto, percebemos que a voz, justamente essa que está no cerne da linguagem, foi paradoxalmente abolida do campo da Lingüística e até mesmo da Fonética e da Fonologia para fazer emergir a noção de fonema. A voz foi refutada para ser substituída por um termo mais “nobre” e “erudito” que é o fonema. Anteriormente ao surgimento

do próprio fonema, a noção de signo e significante ocupou e ocupa um lugar ainda mais elevado no arcabouço teórico da ciência lingüística. De fato, constatamos que o termo voz não figura entre os clássicos da Lingüística Moderna; parece realmente ter sido subtraído para dar lugar a outros. Prova disso é, por exemplo, a constatação que não há nenhuma menção ao termo voz em todo o CLG, nem mesmo na recente e bem aceita publicação dos *Écrits de Linguistique Générale* — texto estabelecido por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002) — não há lugar para o termo voz, embora haja muitas menções ao termo “vocal”. O próprio Simon Bouquet nos disse — à baixa voz, na oportunidade que tivemos de encontrá-lo em Paris, durante nosso estágio de doutoramento — que os lingüistas não se interessam pela voz. Isso realmente se comprova quando constatamos que não há uma menção sequer ao termo voz naquela considerada a “bíblia” da fonologia: *Principes de Phonologie* de Troubetzkoy (1970). Da mesma forma, nenhuma menção à voz aparece em *Fonema e Fonologia* (1967) e *Seis lições sobre o som e o sentido* (1977) de Roman Jakobson. Bem sabemos que voz e fonema não são a mesma coisa, pois o fonema é uma unidade mínima distintiva do sistema sonoro de uma língua, ou seja, possui uma articulação do som ou do traço distintivo sonoro, com o significado ou o sentido no interior de uma língua; já a voz é o som ou o conjunto de sons emitidos pelo “aparelho” fonador, que não mantém, necessariamente, laços com o significado, com o significante, com o sentido ou com a própria língua. Continuando nossas pesquisas, encontramos apenas uma menção ao termo voz nos *Problemas de Lingüística Geral I* de Benveniste (1995). No entanto, o termo vigora entre aspas e diz respeito à voz verbal ou à voz do verbo e não se refere a voz enquanto manifestação sonora.

A voz foi, de certo modo, esquecida para que o fonema ocupasse um lugar central na fonética e na fonologia. A rigor, a Lingüística refuta a voz como um objeto central de estudo, os trabalhos que existem nessa área não são tomados como tema central. A voz não tem sido um tema primordial nos estudos lingüísticos. Ademais, não são muitos os trabalhos que se dedicam especialmente à voz. Em verdade, a Fonologia não se ocupa da voz, ao contrário, a dejeta por estar extremamente centrada sobre a noção de fonema, um objeto mais “sublime” que mantém relações mais duradouras com a linguagem, não havendo, portanto, espaço para o estudo da voz. Nossa argumentação a este respeito é sustentada com a dura crítica que o respeitado professor de Filosofia da Linguagem, Herman Parret (2002, p. 51, tradução nossa), faz à Lingüística estrutural. Diz ele: “A voz, em Lingüística estrutural, não é nem mais nem menos que um

indefinível, e a sonoridade específica das vozes é considerada como uma ‘matéria’ sem estrutura, uma vez que se está na pura variabilidade”³. E mais adiante:

De fato, para o fonólogo, a voz não passa de um conjunto frouxo, uma silhueta informe, de particularidades acústico-articulatórias que, tudo como o ‘corpo das palavras’, não pode nem mesmo ser considerada como o resíduo da forma fonemática. Assim a voz é um conjunto caótico de imagens fônicas que não tem nenhuma pertinência fonológica [...] Um fonema não é jamais um som produzido por uma voz⁴.

Curiosamente, o termo voz não é encontrado uma única vez nos *Principes de Phonologie* de Troubetzkoy (1970, p. 40, tradução nossa). Lá, encontramos a seguinte definição de fonema: “[...] é a soma das particularidades fonologicamente pertinentes que comporta uma imagem fônica”⁵. Troubetzkoy (1970) se preocupava essencialmente com o fonema, mas não com a voz. O fonema mantém relações com a voz, mas essas relações são permeadas pela fala, ou mais precisamente, é a fala que efetivamente se articula com o fonema, este também não é um conceito acústico, mas ligado à semiótica, ao psiquismo e, talvez, ao discurso. Ainda que nossa definição de fonema, até então esboçada neste texto, seja superficial e aproximativa, ela também nos é suficiente, ao nosso entender, para argumentarmos que a noção de fonema se distancia bastante do entendimento de voz que estamos tentando traçar. Isso porque se trata de uma noção que se articula com o significante e com a fala, negando a voz enquanto corpo.

Saussure também não escapa à crítica de Parret (2002), pois a preocupação dele estava centrada, sobretudo, na questão da língua cujo estudo da voz e de sua materialidade fônica em nada iria contribuir para o esclarecimento acerca da semiologia da língua. Saussure era um semiólogo e oscilava em alguns momentos entre dar alguma importância à substância fônica e ao ato articulatório, ou simplesmente dizer que eles em nada proporcionavam novidades acerca do fenômeno lingüístico. Saussure, nos Manuscritos que atualmente se encontram em Harvard, faz várias considerações ao sistema articulatório, à cooperação entre o sistema fisiológico e o acústico, bem como à

³ “*La voix en Linguistique structurale, n’est ni plus ni moins qu’un indéfinissable, et la sonorité spécifique des voix y est considérée comme une ‘matière’ sans structure puisqu’on est dans la pure variabilité.*” (Texto original).

⁴ “*La voix n’est en fait, pour le phonologue, qu’un ensemble flou, une silhouette informe, de particularités acoustico-articulatoires qui, tout comme le ‘corps des mots’, ne peut même pas être considérée comme le résidu de la forme phonématique. Ainsi la voix est un ensemble chaotique d’images phoniques qui n’ont aucune pertinence phonologique [...] Un phonème n’est jamais un son produit par une voix.*” (Texto original).

⁵ “[...] *est la somme des particularités phonologiquement pertinentes que comporte une image phonique.*” (Texto original).

importância da escuta no processo articulatório. Saussure toma elementos do processo fonatório e a partir disso discute algumas questões ligadas com o fonema, com o processo fisiológico, articulatório e acústico. Efetivamente, não aborda a voz em sua plenitude, ou seja, não trabalha a voz enquanto corpo em suas manifestações materiais. Trabalha apenas uma parte dela, a parte que está em sintonia com a fala, com o processo articulatório e semiótico. Neste sentido, a voz em Saussure está restrita à fala e aos mecanismos aí envolvidos, havendo um recalcamento da voz na condição de corpo.

4. A PRESENÇA DA VOZ EM SAUSSURE

De fato, Saussure não se ateu ao estudo da voz enquanto corpo. No entanto, ao se interessar pelo fenômeno acústico-articulatório, ele lança um primeiro olhar sobre a voz. Claudine Normand (1978, *apud* PARRET, 2003, p. 66, grifo do autor, tradução nossa) afirma: “F. de Saussure subordina o fenômeno fonético ao *fenômeno acústico*. É pelo ouvido que o sujeito falante adquiriu a língua”⁶. O intuito de Saussure é estruturar a noção de língua, mas ao fazer isso ele lança uma metafísica da voz ao transcendê-la e propor uma abstração sobre a voz. Saussure parte de uma metafísica da voz para chegar à noção de significante, pois ao longo dos Manuscritos encontramos uma espécie de “ser vocal” que se situa numa nebulosidade de sinônimos como: imagem acústica, figura acústica, signo vocal, imagem vocal, imagem auditiva, entidade vocal, fenômeno vocal e um pouco mais tardiamente, significante⁷.

Nesse sentido, Saussure não desconsiderava a ordem vocal, muito pelo contrário, a colocava como ponto de partida para a materialidade da fala. É claro que o pensamento saussuriano não se volta para um entendimento corporal da voz, desligada de seu aspecto semiótico e semântico; mas de todo modo, ele aborda a voz para chegar à fala, proporcionando inúmeras possibilidades de articular o som e o sentido. Algo que foi amplamente explorado por Jakobson (1977) em *Seis lições sobre o som e o sentido*. A noção de significante em Saussure advém como uma qualidade de uma substância acústica, não é a própria substância acústica, isso talvez, por suposição, ele poderia considerar como um objeto da Física acústica. Porém, considera a qualidade dessa

⁶ “F. de Saussure subordonne le phénomène phonétique au phénomène acoustique. C’est par l’oreille que le sujet parlant a acquis la langue” (Texto original).

⁷ Fundos da Biblioteca Pública Universitária (BPU) citado por Parret (2003, p. 67).

materialidade vocal se mostrando extremamente sensível ao “envelope” sonoro, a sonoridade da voz presente na língua. Parret (2003) demonstra, ao longo de todo o artigo: “*Métaphysique saussurienne de la voix et de l’oreille dans les manuscrits de Genève et de Harvard*”, o quanto Saussure era sensível à voz e ao sonoro. Françoise Jandrot (2003) no texto: “*Pourquoi parle-t-on d’image sonore?*” apresentado no *Séminaire Musique/Psychanalyse* chega a levantar questionamentos acerca do porquê Saussure fala de imagem sonora, e suspeita que a epistemologia saussuriana é compatível com uma abordagem musical da língua. Ela demonstra uma frutífera relação entre a epistemologia saussuriana e a musicalidade da língua, mediada pela voz.

A voz repousa sobre outra articulação que produz signos, pois a imagem acústica, sendo de ordem psíquica, introduz um elemento metafísico da voz. A voz, em Saussure, não é o aspecto sonoro, mas sim o que desse puro som se inscreve psicologicamente como imagem acústica. A imagem acústica é uma domesticação da voz enquanto som e corpo. É domesticando esses aspectos sonoros e corporais que a voz tem a possibilidade de se articular com o sentido. É necessário fazer calar a voz, enquanto corpo, enquanto esse puro som desarticulado, para que possa emergir algo que não é o som, mas sim sua imagem acústica. Em outras palavras, é necessário fazer calar a voz para que o signo advenha enquanto unidade lingüística na fala, portando a união entre a imagem acústica e o conceito. Se a voz é um produto do corpo, na medida em que ela é som, o signo é um produto psíquico, na medida em que ele se articula na língua através da ligação entre imagem acústica e conceito ou, nos termos saussurianos, entre significante e significado.

Eis então um dos fundamentos da epistemologia saussuriana, baseada num substrato concreto e corporal, a voz que é negada ascende como condição metafísica do signo lingüístico. A rigor e em última instância, a língua, em Saussure, que é o objeto da Lingüística, é também uma metafísica do som e do corpo da voz. A posição saussuriana parte da voz e da fala para chegar a categorias abstratas como imagem acústica, significante, significado, conceito e por fim, o próprio signo, este que funda a positividade da ciência lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.
2. BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
3. JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
4. _____. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
5. JANDROT, Françoise. Pourquoi parle-t-on d'image sonore? In: *Livre du Séminaire Musique/Psychanalyse*. Paris: Ircam, 2003.
6. PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.
7. _____. Métaphysique saussurienne de la voix et de l'oreille dans les manuscrits de Genève et de Harvard. In: BOUQUET, Simon. *Cahier de l'Herne Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Herne, 2003.
8. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1983.
9. _____. *Écrits de linguistique générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.
10. TROUBETZKOY, Nicolai Sergueïevitch. *Principes de Phonologie*. Paris: Klincksieck, 1970.

RESUMO: De tempos em tempos acompanhamos novas (re)descobertas de Saussure, um autor que não é uma estátua num museu, mas um pensamento vivo e dinâmico que insiste em retornar e se fazer atual. O presente texto tenta discutir a relação de Saussure com a voz. Parte da própria forma oral com que os Cursos, em Genebra, foram ministrados no período de 1907 a 1911. Havia, nesse momento, uma aposta de Saussure na voz e nos seus efeitos como possibilidade de transmissão de um saber. No seu ensino, Saussure não considera o elemento vocal na sua pura sonoridade e na sua condição de corpo; mas promove uma metafísica da voz e da escuta, de modo a proporcionar uma noção que transcende ao som e ao corpo. A voz, como elemento de análise no texto saussuriano, é calada para que possa emergir um derivado desta, ou seja, uma metafísica da voz que possibilita a articulação do elemento vocal com o objeto da ciência lingüística. É a supressão do elemento vocal, enquanto som e corpo, que permite a emergência dessa metafísica da voz, o que possibilita a estruturação dos conceitos saussurianos de imagem acústica, signo vocal e entidade vocal, que desembocam, mais tarde, na noção de significante.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; voz; metafísica.

ABSTRACT: The present study attempts to discuss the relationship between Saussure and the voice. It parts form the actual oral form in which the Courses, in Genebra, were conducted during the period of 1907 to 1911. At this moment there was a bet on Saussure over the voice

and in its effects as a possibility of transmission of knowledge. In his teachings, Saussure does not consider the vocal element within its pure sonority and its condition of the body, but he promotes a metaphysics of the voice and of the act of listening, in such a way as to offer a notion that transcends the sound and the body. The sound, as an element of analysis in the Saussurian text, is silenced in order to for a derivative of it to emerge, or in other words, a metaphysics of the voice that allows the articulation of the vocal element with the object of the linguistic science. It is the suppression of the vocal element, while sound and body, that allows the emerging of this metaphysics of the voice, what allows the structuring of the Saussurian concepts of the acoustic image, vocal sign and vocal entity that later lead to the notion of significant.

KEYWORDS: Saussure; voice; metaphysics.